

TRAMAS DA ALDEIA XUKURU-KARIRI CRISTO DO GOITÍ

ERICK CHARLLES OLIVEIRA SILVA¹

UNEAL, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0001-5044-4628>

JOSÉ ADELSON LOPES PEIXOTO²

UNEAL, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-5179-108X>

RESUMO: *Este estudo apresenta alguns dos desdobramentos e faccionalismos políticos no território indígena, sendo o lócus da pesquisa a recém-formada Aldeia Xukuru-Kariri Cristo do Goití, localizada na Serra do Goití, em Palmeira dos Índios/AL. O objetivo é contribuir com a historiografia indigenista ao incluir a referida aldeia nas discussões atuais, nos diversos campos da história local, cultural e oral, e possibilitar uma visibilidade para mobilizações e reivindicações atuais do citado povo. Além disso, buscamos compreender como o território se traduz a múltiplos conceitos e como estes estão inseridos no âmbito religioso e nos costumes cotidianos. Enquanto metodologia, utilizamos da pesquisa de campo, com a utilização de observação, produção de fotografias e entrevistas gravadas com moradores e lideranças política e religiosa da referida aldeia e com indígenas desaldeados, residentes na cidade de Palmeira dos Índios, que nos auxiliou para a produção deste estudo. A discussão teórica está fundamentada em pressupostos de estudiosos como Alberti, Ferreira e Fernandes (2005); Antunes (1973); Haesbaert (2004, 2007); Peixoto (2021, 2023), Raffestin (1993, 2012).*

PALAVRAS-CHAVE: *Cultura, Identidade, Tradição.*

ABSTRACT: *This study presents some of the political developments and factionalism in the indigenous territory, with the locus of the research being the newly formed Xukuru-Kariri Cristo do Goití Village, located in the Goití Mountains, in Palmeira dos Índios/AL. The aim is to contribute to indigenous historiography by including the mentioned village in current discussions in various fields of local, cultural, and oral history, and to provide visibility for the current mobilizations and claims of the said people. Additionally, we seek to understand how the territory translates into multiple concepts and how these are embedded in religious scope and everyday customs. As methodology, we employed field research, utilizing observation, photography production, and recorded interviews with residents and political and religious leaders of the mentioned village, as well as with indigenous people living outside the village, residents of Palmeira dos Índios, who assisted us in the production of this study. The theoretical discussion is grounded in the assumptions of scholars such as Alberti, Ferreira e Fernandes (2005); Antunes (1973), Haesbaert (2004, 2007), Peixoto (2021, 2023), Raffestin (1993, 2012).*

KEYWORDS: *Culture, Identity, Tradition.*

¹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Bolsista do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-FAPEAL) e membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena em Alagoas (GPHIAL).

² Professor Titular na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Coordena o Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas (GPHIAL) e o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em História (CLIND-AL). Doutor (2018) e Pós-Doutor em Ciências da Religião (2020) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Mestre em Antropologia (2013) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É também coordenador do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-FAPEAL). E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br

Considerações iniciais

Palmeira dos Índios está localizado no Agreste do Estado de Alagoas, a aproximadamente 140 km da capital, Maceió. Atualmente, no município existem 11 aldeamentos Xukuru-Kariri, com isso, torna-se necessário abordar o contexto que levou a emergir a recém-formada aldeia Cristo do Goití. A princípio, tivemos a informação da existência desta nova aldeia através de entrevistas que foram realizadas com alguns alunos indígenas, presentes em turmas dos nonos anos da Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, para um trabalho do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Esse estudo se debruça sob as tramas do surgimento da referida aldeia, buscando descrever o contexto da origem à configuração atual da comunidade, evidenciando a importância de pensarmos nos indígenas enquanto sujeitos ativos e não meramente como objetos de estudo, entendendo suas tradições, suas reivindicações e seus protagonismos. É necessário incluir as novas comunidades indígenas nos discursos atuais dos mais variados campos da História (cultural, local, oral) de modo que ajude a ecoar a história da comunidade, visando que os estudos possam ser convertidos em aporte político para a aldeia.

Este estudo está sustentado em entrevistas realizadas em parceria com o Prof. Me. Brunemberg da Silva Soares³. Nossa ida a aldeia se deu no dia 05 de novembro de 2023, em uma manhã ensolarada, a fim de colher os relatos do Cacique Luiz André e do Pajé John Edson sobre a origem daquela aldeia. A ação se deu ancorada em preceitos de teóricos como Alberti, Ferreira e Fernandes (2005) que nos norteou desde a elaboração do roteiro ao tratamento posterior a finalização da entrevista, bem como Manzini (2008) sobre o processo de transcrição das conversas gravadas.

Além disso, contamos com aportes teóricos de Haesbaert (2004); (2007), sobre desterritorialização e multiterritorialidade, sobre território e territorialidade e Raffestin (1993); (2012), para entender as representações em que o território se insere. Buscamos referências em Antunes (1973); Torres (1984); Soares (2019); Peixoto (2021) referente a história da etnia Xukuru-Kariri, presente na região desde muito antes da fundação do atual município. O estudo contará com o uso de fotografias e imagens, a fim de apresentar visual e geograficamente a região que abriga a aldeia.

A origem do território indígena

Primordialmente, o território, que atualmente compõe a citada localidade, fazia parte de uma sesmária concedida pelo Governador Geral do Brasil, em 1661, ao Desembargador Cristovão de Burgos. Ao falecer, o Coronel Manuel da Cruz Villela adquiriu uma parte da referida sesmária, em 1712, de um familiar do Desembargador.

Aproximadamente, em 1740, chegaram ao atual município de Palmeira dos Índios os indígenas Xucuru e Cariri, como o Vigário José de

³ Professor efetivo da Rede Municipal de Educação de Palmeira dos Índios, atuando na Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite. Bolsista Supervisor do PIBID, financiado pela CAPES. Membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas (GPHIAL). E-mail: brunemberg@gmail.com
SILVA, Erick Charllles Oliveira; PEIXOTO, José Adelson Lopes. Tramas da aldeia Xukuru-Kariri Cristo Do Goití. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 22-35, jan./abr. 2025.

Maia Mello registrou no Arquivo Paroquial da Secretaria da Diocese (Antunes, 1973). Os Cariri chegaram fugidos da colonização que se espalhava pelo litoral, e os Xucuru vieram fugindo de uma seca que assolou a região onde viviam, Cimbres/Pesqueiras/PE (Antunes, 1973). Em 1770, chegou ao aldeamento de Palmeira dos Índios o Frei Domingos de São José, a fim de cristianizar os indígenas que ali habitavam.

Três anos após, em 1773, o referido Frei recebeu da viúva do Coronel Manuel da Cruz Villela, D. Maria Pereira Gonçalves, meia légua em quadra, para erguer uma capela no alto da serra da Cafurna, uma das moradas dos indígenas Xucuru e Cariri, em nome do padroeiro Bom Jesus da Boa Morte, a fim, também, de dar continuidade à catequese dos referidos indígenas, no mesmo ano foi lavrada a escritura. Ao perceber a chegada de colonos na região, o Frei convenceu os indígenas a erguerem uma nova capela, no sopé da serra da Boa Vista, a fim de convertê-los em novos cristãos. Foi erguida, então, a capela cuja padroeira é a Nossa Senhora do Amparo, e o Pe. João Morato Rosas foi nomeado para a direção dessa nova igreja (Soares, 2019; Peixoto, 2021).

A permanência do novo Padre na região, e a igreja de fácil acesso, contribuiu consideravelmente para o aumento do fluxo de colonos (comerciantes, tropeiros), migrando para a região e se estabelecendo no entorno da nova igreja matriz, dando origem a um conglomerado de residentes não indígenas na região. Aos poucos, foi dando origem ao município de Palmeira dos Índios, enquanto os indígenas observavam cercas sendo erguidas e “criando a privatização de um espaço que estava habituado a usar livremente” (Peixoto, 2021, p. 35).

Apesar do nome do município remeter à origem da presença indígena na região, o pertencimento territorial não se reflete ao seu entorno, focado somente aos domínios dos 11 aldeamentos na região. Uma vez que, ao retratar a presença do povo na localidade, os mecanismos aos quais Palmeira dos Índios se utiliza para isso são, muitas vezes, estereotipados e, até mesmo, preconceituosos, representando-os de maneira romantizada, com base em referenciais imagéticos colonialistas.

Deve-se ponderar a indubitável importância de estarmos devidamente situados com a história e o contexto de Palmeira dos Índios para entender o *lôcus* desse estudo, a aldeia Cristo do Goití. Deste modo, compreendendo que o atrito entre os indígenas e não indígenas não é algo recente, mas datado de um período que remonta a meados do século XVIII, da mesma forma como a aldeia, objeto deste estudo, tem também a sua origem ligada às perseguições da elite político-fundiária⁴.

Foi através das entrevistas realizadas com o Cacique Luiz André (Wayran) e com o Pajé John Edson, que possibilitou identificar e descrever o percurso histórico da aldeia Cristo do Goití, por não dispormos de material historiográfico previamente produzido sobre essa nova comunidade, nos apresentando assim, uma importância fundamental de pensar e produzir na história, ou a partir da história, como meio de imortalizar grupos ou povos, para que estes não sejam esquecidos ou silenciados pelo tempo (Rodrigues,

⁴ Usamos esse termo tendo em vista que os fazendeiros posseiros na T.I Xukuru-Kariri são ligados à política ou a políticos do município.

2023). Contextualizando sobre a situação de como a atual aldeia foi formada, o Cacique Luiz André nos narra:

[...] conscientizei os meus cunhados as minhas cunhadas a virem pra cá que justamente onde tavam nossas famílias, tavam nossas raízes, deles, eu prezei mais por eles, que eu sou natural de Porto Real do Colégio, Kariri-Xokó (...) então eu falei: “gente, vamos pra serra do Cristo, porque lá morou os bisavós de vocês, eles construíram e ficaram por ali, permaneceram por ali, então vamos pra lá e a gente pode construir; a família tem potência de construir a própria aldeia, a própria comunidade dentro da etnia Xukuru-Kariri”. E aí a gente veio, saímos construindo casa por casa, nós mesmo, só gastamos com material, mas nós mesmo começava a casa de um, fazia a casa de outro, e assim, tamo aqui [...] (Luiz André, 2023⁵).

O pertencimento étnico a outro grupo indígena não impediu o atual cacique de ser aceito na comunidade, uma vez que, após reunir o grupo na localidade da aldeia, os próprios integrantes o nomearam como líder político do aldeamento, e John Edson como líder religioso, sendo motivo de grande surpresa para o Cacique André, que nos relatou: “me emocionei, claro, porque foi surpresa, porque eu [não] esperava, por eu não ser Xucuru-Kariri nato, então eu esperei que seria um deles” (Luiz André, 2023).

A já mencionada aldeia é a mais jovem perante as demais comunidades Xukuru-Kariri, tendo aproximadamente sete anos e liderada desde o início pelo Cacique Luiz André e Pajé John Edson, respectivamente, desde 2017, ano de fundação e das suas nomeações pela comunidade como lideranças.

A área do aldeamento possui um terreno bastante acidentado, onde as poucas áreas não acidentadas são preenchidas pelas casas dos habitantes indígenas, contexto que apresentamos a seguir, através de algumas imagens fotográficas produzidas durante nossa pesquisa de campo.

⁵ Entrevista realizada em 05 de novembro de 2023, juntamente com o Prof. Me. Brunemberg da Silva Soares. Foi preservada a forma como o entrevistado falou, apenas sendo excluídos termos que se repetem com frequência na fala, tais como “né” e “éh”.

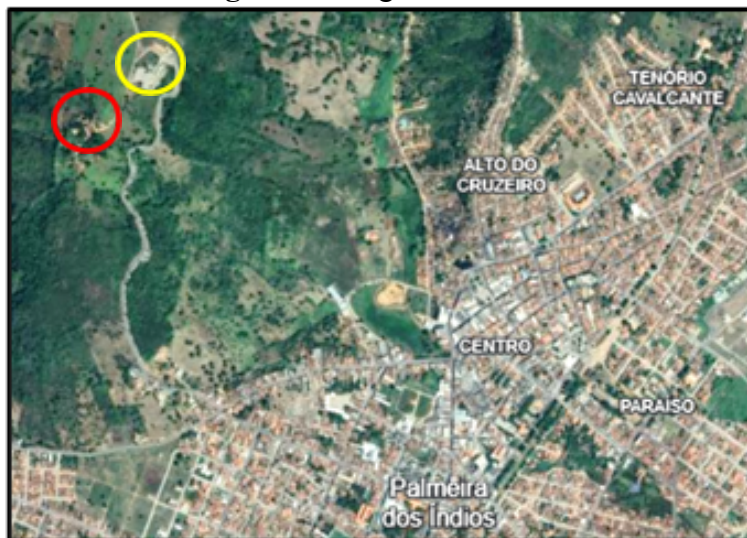
SILVA, Erick Charlles Oliveira; PEIXOTO, José Adelson Lopes. Tramas da aldeia Xukuru-Kariri Cristo Do Goití. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 22-35, jan./abr. 2025.

Figura 1 e 2. Prancha fotográfica nº 1

Fonte: acervo pessoal dos autores, 2023

A primeira imagem foi produzida em frente à rua de terra que dá acesso à aldeia (entrando à direita da casa de muro branco, próximo ao último poste de energia), as casas da aldeia são de alvenaria, simples, construídas pelos próprios moradores. Ao fim da rua há uma porteira de madeira de uma chácara pertencente a um não indígena. A segunda fotografia foi produzida no interior da comunidade, embaixo de um pé de manga, onde fizemos as entrevistas com as lideranças. A casa ao fundo é a de um dos primeiros moradores do local, o já mencionado, Zé da Serra, pai do Pajé John Edson. Apesar de ser uma área ligada a um dos principais pontos turísticos do município, não observamos a existência de condições mínimas de urbanismo, como calçamento ou rede de esgoto (como pode ser atestada na fotografia nº 1), porém as residências são servidas pelos serviços de abastecimento de água e energia.

Atualmente, a aldeia abriga cerca de 19 famílias e, em breve, esse número aumentará, visto que alguns dos moradores estão prestes a casar e ter novos filhos; estão distribuídos em 12 tarefas de terras que usam para a agricultura coletiva. Apesar disso, a aldeia possui um território pequeno, em decorrência de ser recém-formada. A seguir, apresentamos uma imagem aérea do local, para que possamos situar geograficamente melhor o *lócus* deste estudo.

Figura 3. Imagem aérea nº 1

Fonte: Google Earth

Na imagem apresentada, o local marcado em amarelo é o horto do Cristo do Goití, um dos principais pontos turísticos do município, constantemente frequentado pelos moradores locais e por turistas; em vermelho, a localização aproximada da aldeia Cristo do Goití. A comunidade está localizada a poucos quilômetros do centro da cidade, aproximadamente 1,55 km, mas, apesar da proximidade, ainda não recebeu investimentos por parte do poder público.

Durante a nossa visita à aldeia, fomos apresentados a uma situação que nos causou uma grande surpresa. Durante as entrevistas, o cacique André nos informou que, motivados pelo sentimento de urgência e pela necessidade de mais terreno para a agricultura coletiva do grupo, precisaram se mobilizar para adquirir 12 tarefas de terras. Para tanto, fizeram a aquisição com um posseiro que ainda possui domínio do território no entorno do aldeamento, podendo, assim, ser atestada através da certidão de compra e venda, em posse das lideranças, uma vez que a compra não pode ser registrada em cartório pelo contexto fundiário que a cerca. Salientando, mais uma vez, que todo o território que envolve a aldeia está dentro da área pleiteada para homologação da T.I Xukuru-Kariri.

Mesmo estando amparados pelo que preconiza a Lei 6.001 de 1967, de que toda terra indígena é inalienável, a etnia ainda é vitimada por inúmeras investidas contra seus territórios, em que são constantemente ameaçados pelos posseiros e/ou grandes fazendeiros da região, mostrando, assim, o quanto ainda estão em uma situação de vulnerabilidade, sendo extremamente recorrente a necessidade de resistirem, reafirmando sua presença e reivindicando amparo ao órgão indigenista oficial. O principal motivo dessas investidas é a morosidade para a conclusão do processo de demarcação do território, uma vez que os fazendeiros intrusos ainda permanecem com o domínio da terra, acarretando, assim, a perda sistemática dos territórios, levando os indígenas a terem que comprar suas próprias terras, o que justifica a fala anterior sobre a compra de uma pequena área contígua à aldeia.

Em relação aos pioneiros na localidade, o Cacique André informou que Dona Pastora Maria da Conceição e seu primeiro marido, um não indígena, conhecido como Paulo, foram os primeiros moradores da localidade, chegados, aproximadamente, na primeira metade do século XX. Após o falecimento de Paulo, a referida se relacionou com outro homem, chamado Juvenal, que também faleceu. Seu último marido, um homem conhecido como João Braga. Dentre um de seus filhos com João Braga, um chamado Zé da Serra, sogro do Cacique André e pai do Pajé John Edson. Prosseguindo com a entrevista, o cacique André acrescenta:

[...] a gente é a aldeia mais jovem que tem em Xukuru-Kariri. Mas aqui nós, como aldeia, como comunidade indígena, a gente tá aqui há mais ou menos cinco ou seis anos, mais ou menos isso aí. Porém, o meu sogro e a falecida mãe dele já residiam aqui desde sempre, desde a mocidade. A mãe do meu sogro, são indígenas, sempre, porém nunca quiseram ingressar em nenhuma aldeia indígena justamente por medo, da época dos coronéis, que mandavam na cidade, aquela coisa toda, perseguição, discriminação com indígenas e eles permaneceram sempre aqui. Então nós hoje, nova geração, a gente tentou resgatar, trouxemos, juntamos nossas famílias que tavam em outras aldeias, em demais aldeias, e então a gente juntou as famílias aqui, tudo uma família só, tudo cunhado primo, sobrinhos, entendeu? [...] (Luiz André, 2023).

Esta situação nos evidencia a postura que as elites político-fundiárias possuem em relação aos indígenas, não sendo de hoje as perseguições sofridas por este povo. Esse tipo de assédio é constantemente marcado na história da etnia. Ademais, são historicamente tratados como os causadores de desavenças que envolvem assuntos referentes à situação territorial da etnia (Santos, 2021).

Ainda, no município, ao mesmo tempo em que a elite tenta invisibilizar ou diminuir suas mobilizações, alguns estabelecimentos locais assumem em suas fachadas, como identidade, nomes indígenas ligados aos Xukuru-Kariri, tais como "Farmácia do Goití", "Drogaria-Xukuru", dentre outros comumente vistos na cidade. Situação contraditória, afinal, parte dos donos de estabelecimentos que fazem o uso de nomes indígenas são contra a demarcação (Santos, 2021).

A fala do Cacique André nos auxilia como subsídio para compreender a participação da nova geração através da preocupação com a ancestralidade, levando-os a se organizarem para o retorno dos parentes, dispersos, ao seu território, a fim de se restabelecerem e fortalecerem o pertencimento étnico, familiar e com o território, além da procura de uma melhor condição de vida.

O pertencimento a múltiplas territorialidades

É indispensável, antes de iniciarmos este tópico, que possamos analisar as principais ideias e conceitos utilizados neste estudo sobre o

território indígena, a fim de não deixar ambígua ou abstrata a ideia aqui trabalhada. Por este motivo, devemos primeiramente definir o conceito de território e, em seguida, os desdobramentos dessa concepção.

Para isso, seguimos preceitos complementares que se ligam desde perspectivas políticas e/ou funcionais do território, bem como as relações simbólicas ou culturais. As três concepções do território são essenciais para a compreensão deste estudo, pois temas relacionados aos estudos fundiários indígenas vão desde valores políticos a cosmopolíticos, diretamente ligados ao âmbito cultural de sua estrutura social. Dito isso,

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço (Raffestin, 1993, p. 145).

O conceito apresentado acima representa uma concepção diretamente ligada ao âmbito político, entretanto, não podemos resumir a complexidade das tramas relacionadas ao território do povo Xukuru-Kariri apenas por esse espectro, uma vez que todo território também é simbólico e funcional (Haesbaert, 2004). Ambos os conceitos serão apresentados adiante. A exemplo, temos os Jiripankó, no município de Pariconha, Alto Sertão de Alagoas, que possuem um conceito semelhante enquanto território simbólico-funcional, têm sua mística acentuada ao manifestar a “valorização do território enquanto bem material” (Peixoto, 2023, p. 199).

Durante a pesquisa de campo, notamos diferentes traduções do território para o povo, ora sendo significado como “campo de força”, no sentido de proteção, abrigo, como afirmou o Cacique André, ora como o abrigo do imaterial da comunidade, ou seja, sua cultura e costumes. Nesse sentido, o território simbólico prioriza as relações culturais atribuídas ou imbuídas a ele, sendo o espaço (no sentido *lato*) de referência identitária e do pertencimento de um grupo ou de um povo a um território funcional, como destaca o autor “(...) é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (‘lar’ para o nosso repouso)” (Haesbaert, 2004. n.p.).

Com isso, o território funcional, a aldeia, atua como o sentido estrito do conceito trabalhado por Haesbaert (2004), sendo o abrigo, o lar, o refúgio. Uma vez que, em muitos momentos, são expostas as represálias da população envolvente e da elite local, demonizadora das práticas religiosas indígenas e alimentadora dos estereótipos difundidos com o intuito de descredibilizar as lutas territoriais.

A aldeia Cristo do Goití remonta aos antepassados de referência dos atuais moradores, seus parentes velhos, uma vez que o contexto de surgimento gira em torno do retorno destes para a região que os mais antigos tradicionalmente ocuparam e, em determinado momento, abandonaram, deixando seu lugar de origem, tendo de se arriscar, migrando para a cidade ou até mesmo para outros estados, como citado pelo Cacique André: “foram, uns tão em São Paulo, uns infelizmente já se mudaram (...). E

aí o os netos e filhos resolveu vir prá cá, prá gente reconstruir, recapitular (...). É interessante destacar também a ligação que o território tem com a memória do referido povo, sendo “recapitular” o termo utilizado por eles ao retratar o retorno dos parentes que estavam dispersos pela cidade e demais localidades.

Além dos conceitos previamente apresentados, precisamos entender sobre a territorialidade para posteriormente entender a multiterritorialidade do sagrado, pois, ao longo das entrevistas, nos foi evidenciada a existência de dois espaços (não no sentido genérico de espaço, mas no sentido de ambiente ou lugar simbólico) de grande importância para o povo: o Terreiro e o Ouricuri. Ambos são possuidores de uma presença acentuada da religiosidade, além de regras e rituais próprios. Sendo assim, o território é um dos elementos fundamentais e indissociáveis do povo, pois intensifica as práticas religiosas da tradição (Peixoto, 2023).

Devemos entender que “a territorialidade como sistema de relações é também um sistema de trocas e, conseqüentemente, atualmente, um sistema de fluxo de todos os tipos entre a exterioridade (o ambiente físico) e a alteridade (o ambiente social)” (Raffestin, 2012, p. 129). Seguindo neste sentido, a multiterritorialidade é a capacidade de um indivíduo ou de um grupo étnico de estabelecer relações e conexões com múltiplos territórios ao longo do tempo.

Esses conceitos se inserem na realidade da aldeia Cristo do Goití pela conexão e relação estabelecidas pelos indígenas a múltiplos territórios, como confirma o Cacique, ao qual perguntamos sobre a participação da comunidade no Ouricuri em outras aldeias: “Sim, lá da aldeia do Capela a gente participa, tem alguns aqui que participam também de um dos Ouricuri da fazenda Canto, eu com meus filhos vou para Kariri-Xocó, Porto Real do Colégio, sou de lá, então tenho total liberdade lá”. (Luiz André, 2023). Sendo assim, uma explícita trama das relações interétnicas, a qual privilegia os laços entre as comunidades de Palmeira dos Índios, sendo fundamental para o fortalecimento dos elos que unem não somente as demais aldeias palmeiríndia, mas também da etnia a qual pertence o Cacique André, Kariri-Xokó.

O Terreiro é um espaço reservado da aldeia, onde ocorre a maioria dos rituais, e está presente em quase todas as aldeias indígenas do Nordeste. É no Terreiro que ocorrem rituais como o Toré. Além disso, é no Terreiro que o Sagrado é externalizado através das práticas religiosas. A cada ritual praticado, as tradições são reavivadas e fortalecidas, sendo assim, a negação do território ou as investidas por parte de fazendeiros e posseiros é uma tentativa direta de silenciamento ou enfraquecimento da cultura indígena (Peixoto, 2023).

Não somente para a aldeia Cristo do Goití, mas para a comunidade Xukuru-Kariri como um todo, o Terreiro é o seu orgulho maior, por ser o foco da materialização do imaterial sociocultural, por abrigar a ancestralidade e as tradições do povo. É o lugar que, durante o ritual, se reclusam do mundo ao seu redor e se conectam com o Sagrado.

Já o Ouricuri, além de ser um espaço reservado e igualmente sagrado, entretanto, com mais interdições, é um complexo ritual sagrado. Nem toda aldeia Xukuru-Kariri possui este espaço (a exemplo da aldeia objeto deste

estudo), já outras podem possuir até mais de um, o que leva a comunidade a participar do ritual em diferentes aldeias, comportamento comum entre a etnia. Somente aqueles indígenas que seguiram um ritual prévio de reclusão, a fim de purificar seu corpo e sua alma, podem entrar no referido espaço.

A presença de um não indígena nos rituais do Ouricuri é veementemente proibida. Por conta disso, não dispomos de informações mais detalhadas. Devemos destacar que não há a existência de um espaço mais sagrado em detrimento a outro, mas apenas espaços diferentes, com regras e proibições igualmente diferentes e específicas de cada aldeia, povo ou etnia. Sendo esse lugar e ritual um forte elo da comunidade com as demais aldeias e etnias.

Na realidade da aldeia Cristo do Goití, além do pertencimento multiterritorial, por manterem uma rede de relações estreitas com as aldeias que possuem o Ouricuri, existe a presença da multiterritorialidade étnica, como nos foi apresentado anteriormente pelo Cacique, o qual frequenta e mantém uma estreita rede de relações com os seus parentes, o seu povo de origem, os Kariri-Xokó, no município de Porto Real do Colégio/AL.

É pertinente retomar questões sobre a origem étnica do povo, uma vez que sempre estiveram diante de processos de desterritorialização, reterritorialização e resistência étnica. Sendo assim, a desterritorialização é o ato da perda ou destruição do território e pode ser percebida ao remetermos a chegada dos povos Xucuru e Cariri na região. Foram sendo expulsos de seus territórios ancestrais, fugindo da escravização e das investidas dos colonos no litoral, bem como devido a uma grande seca na região do povo Xucuru, da região de Cimbres, no município de Pesqueira/PE, levando-os a migrar para a atual Palmeira dos Índios.

O segundo, a reterritorialização é a reconstrução de um território, dos aspectos políticos e socioculturais, ressignificando elementos culturais (Fuini, 2014). Constatado ao destacar que os indígenas vagaram sem o amparo de sua “mãe terra”, sem a posse do território, tendo de se reterritorializar em um lugar desconhecido, ressignificando o seu entorno e se unindo a outro povo indígena, nas mesmas condições de reterritorialização.

Esse movimento de ressignificar é predominantemente visto entre os indígenas no Nordeste, como a ressignificação da cruz ou de imagens religiosas que predominantemente são católicas, como a Nossa Senhora do Amparo. Atualmente, para os indígenas Xukuru-Kariri ela é vista como a sua protetora, como foi mencionado por uma anciã indígena da aldeia do Boqueirão, Dona Nina⁶: “Ela é a protetora dos índios, indígenas Xukuru-Kariri. Nós adoremos ela todo dia 23 de dezembro (...)” (2023). Tal discurso é um reflexo ou cicatriz das ações colonialistas que afetaram em grande escala a citada região, levando os indígenas a ressignificarem seu entorno para possibilitar a existência ou resistência de sua cultura e costumes.

Por fim, a resistência étnica se dá em consequência das investidas por parte das elites político-fundiárias que, constantemente, promovem

⁶ Entrevista realizada no dia 28-10-2023, como requisito parcial de avaliação na disciplina de Metodologia da Pesquisa de Campo, ministrada pelo professor Dr. José Adelson Lopes Peixoto. Dona Nina (Ermelinda Celestino da Silva) é uma anciã Xukuru-Kariri de 98 anos, durante toda sua vida foi cantadora, curandeira e parteira. Atualmente mora na cidade de Palmeira dos Índios, porém, ainda frequenta a aldeia do Boqueirão para participar dos seus rituais.

discursos falaciosos a fim de implantar o pavor na sociedade palmeiríndia, alegando que a falência econômica do município se dará caso a demarcação da T.I Xukuru-Kariri seja finalizada.

Em resposta a esse tipo de discursos, a etnia reafirma sua presença e seus direitos, se mostrando como sujeitos ativos e mobilizando ações políticas com o fito de garantir o devido amparo legal pelo órgão oficial indigenista. Além disso, através dos processos de retomada de território, quando bem-sucedido, fortalecem a etnia (Peixoto, 2021), sendo esta ação a principal marca de resistência indígena frente à tentativa de silenciamento e invisibilização impostas pela elite local.

Os estudos acerca de território, territorialidade e multiterritorialidade são, acima de tudo, um tema multidisciplinar, pois para compreendê-los é necessário dialogar com temas diretamente ligados à Geografia, buscando com esse diálogo abrir caminhos para a compreensão de que vivemos em uma sociedade plural e como tal deve ser estudada, respeitando as especificidades, as tramas e as necessidades de cada grupo que a compõe.

Devido ao contexto de perseguições e conflitos com os posseiros e, até mesmo, com a sociedade envolvente, os Xukuru-Kariri tiveram, diversas vezes, de invisibilizar-se, negando sua identidade para não sofrer represálias, tendo reaparecido de fato, se reafirmando como indígenas, em um contexto mais recente. Por isso, temendo que o seu Sagrado seja novamente ameaçado, não permitem estudos aprofundados sobre seus costumes e práticas religiosas, como ocorre, também, em outras etnias. Por este motivo, não nos aprofundamos em discussões sobre a religiosidade, buscamos entender e descrever as representações que o território indígena carrega e a sua importância para a vida indígena e Sagrada.

Algumas considerações

Podemos atestar a necessidade de aprofundamentos de estudos teóricos e de campo sobre os desdobramentos do conceito de território na realidade indígena, além de termos cumprido com o principal objetivo desse estudo: entender as principais interpretações do território no âmbito indigenista e apresentar uma contribuição para a historiografia da aldeia Cristo do Goití que, por ser uma comunidade emergente, necessita da colaboração tanto de pesquisadores quanto do órgão indigenista oficial a fim de fortalecer as reivindicações necessárias e urgentes.

Algumas das principais dificuldades com as quais nos deparamos no decorrer da produção deste estudo estão relacionadas com a ausência de produção acadêmica no campo da história retratando a referida aldeia. Sendo assim, com a devida publicização deste estudo, esperamos contribuir ecoando a história desta aldeia emergente. Ademais, devemos contar com novas entrevistas com os mais velhos da comunidade, a fim de robustecer a sua história, registrando eventos guardados na memória individual e coletiva daquela comunidade, além de favorecer a historiográfica local.

Apesar das poucas informações disponíveis para realização do estudo, esta ação mesmo que embrionária, além de abrir caminhos para novas e futuras pesquisas, traz a importância de inserir a aldeia Cristo do Goití no rol

das pesquisas sobre os Xukuru-Kariri e nos desdobramentos futuros sobre demarcação, reconhecimento e acesso aos bens e serviços públicos destinados aos povos indígenas.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Clóvis. **Wakona - Kariri - Xukuru**: aspectos socioantropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas. Maceió: UFAL, 1973.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (org.). **História Oral: Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC-FGV, 2000.

FUINI, Lucas Labigalini. **A territorialização do desenvolvimento: construindo uma proposta metodológica**. Campo Grande: Interações, v. 15, p. 21-34, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade**: um debate. Rio de Janeiro. GEOgraphia, v. 9, n. 17, p. 19-45, 2007.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Memórias e imagens em confronto: os Xukuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá**. Maceió: Editora OLyver, 2021.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Minha identidade é meu costume: religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó-Alagoas**. Alagoas: Editora GPHIAL, 2023.

PIRIGIPE, Luiz André Pires. **A origem da aldeia Cristo do Goití**. Nov. 2023. Entrevistadores: Brunemberg da Silva Soares; Erick Charles Oliveira Silva. Aldeia Cristo do Goití - Palmeira dos Índios-AL. 2023. Entrevista gravada em formato MP3.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. **Space, Territory, and Territoriality**. Enviroment and planning D: Society and Space, v. 30, p. 121-141, 2012.

RODRIGUES, Yuri Franklin dos Santos. **“É TÃO BOM DANÇAR TORÉ COM OS PRAIÁS”: etnicidade e ritual entre os Jiripankó – Alagoas**. Maceió: PPGAS/UFAL. Dissertação, 2021.

SANTOS, Luan Moraes dos. **Os Xukuru-Kariri e as elites: história, poder e conflito territorial em Palmeira dos Índios-AL (1979-2015)**. Maceió. Editora Olyver, 2021.

SOARES, Brunemberg da Silva. **Apropriações e usos de imagens sobre os índios Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios/AL (1968-2010)**. Maceió: Editora Olyver, 2019.

SILVA, Ermelinda Celestino da. **Conhecendo uma Anciã**. Out. 2023. Entrevistador: Erick Charles Oliveira Silva. Casa de Dona Nina – Palmeira dos Índios – AL. 2023. Entrevista gravada em formato MP3.

Recebido em: 06/04/2024* Aprovado em: 16/12/2024* Publicado em: 30/04/2025
